

Se liga na fita!

A partir de amanhã, começa no Cine Brasília, com sessões às 10 horas, o Festivalzinho, com cinco títulos especiais para a criançada. São eles: **O Amigo Super-Homem; Curumim; O Pica-Pau Amarelo; Aventuras com Tio Maneco e Maneco, O Super Tio.**

Fotos: Divulgação

VIVEMOS UMA FASE DE RENASCIMENTO. MAS VELHAS DÚVIDAS ASSALTAM A PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA NACIONAL

SÉRGIO MORICONI
COLABORADOR

Mais uma edição do Festival de Brasília e outra vez nos assaltam as mesmas dúvidas em relação a todos os problemas que atormentam a produção cinematográfica nacional. Não resta dúvida que, levando-se em consideração períodos anteriores muito desfavoráveis, vivemos uma fase de renascimento. Não são muitos os que concordam com essa tese. Os velhos problemas de distribuição e exibição continuam presentes. Filme brasileiro chega às telas em más condições. A televisão não dá bola e o público, com as devidas exceções que confirmam a regra, também. A platéia do festival está no caso das exceções.

O enorme contingente de pessoas, em sua maioria jovens, que comparece às sessões noturnas do Festival se constitui numa verdadeira torcida organizada do cinema brasileiro. É difícil mesmo saber que tipo de expectativa eles têm em relação ao filme nacional. Da parte de profissionais, intelectuais e críticos, volta-se a perguntar quais são as perspectivas pronunciadas para a atividade.

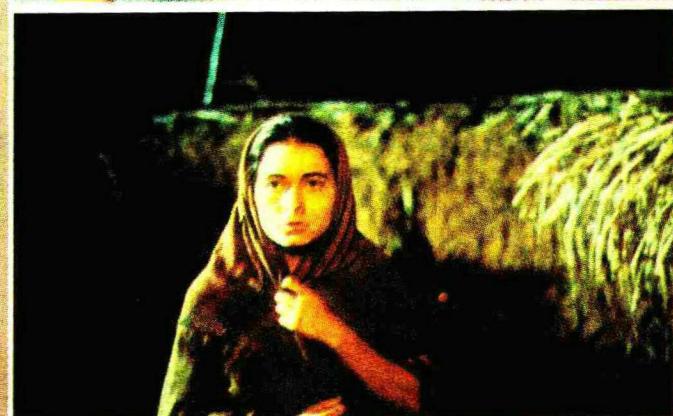
O festival e a sedução do ausente

De um lado, existe o esforço para fazer um produto nacional bem acabado, competitivo em termos internacionais, já que não há mercado significativo aqui. Mas, diante de uma dessas sessões lotadas do Cine Brasília, um incauto pode perguntar: "Mas como? E toda essa gente aí?"

'Toda essa gente aí' apenas assume vicariamente o lugar de uma multidão ausente em outras circunstâncias. Os produtores que se esforçam para aproximar o filme brasileiro do modelo americano sabem muito bem que as grandes audiências fazem a cabeça com os originais da matriz americana. Seria então um disparate tentar assimilar a tecnologia de ponta nas obras nacionais? Com algumas reservas, podemos dizer "de jeito nenhum", afinal de contas, o Brasil também quer se inserir na economia globalizada. Mas de que maneira o país vai continuar olhando para si mesmo? Técnica implicaria também numa padronização da linguagem? Teriam sido inteiramente cumpridas as previsões do canadense Marshall McLuhan de que o mundo realmente se transformou no insípido povoado homogêneo ao qual denominou "aldeia global"?

Os alemães Hans-Peter Martin e Harald Schumann escreveram um livro (*A Armatilha da Globalização*) onde pretendem demonstrar que a proximidade e a simultaneidade criadas pela mídia em nível planetário não conseguem criar comunhão cultural baseada no respeito às diferenças. No plano econômico é ainda pior. A internacionalização, ao contrário do que se imaginava, não abriu caminho para um mundo solidário. Todos querem vender e ninguém quer comprar. Em outras palavras, os que têm mais força usam de suas prerrogativas para empurrar goela abaixo os seus produtos.

O Brasil sofreu ao longo de décadas (via TV e circuito comercial de cinema) um pesado adestramento para assimilar a linguagem do cinema americano de entretenimento. Sua sintaxe já estaria consumada e estabelecida como perfeita. Uma corrente de nossos realizadores acredita que a perfeita assimilação desses princípios seria responsável pela reconquista do público médio que, evidentemente, não é aquele ao qual no referimos que frequenta festivais ou acompanha a programação de salas especiais. Paradigmático, *O Que é*



Qual é a cara do cinema nacional?

Isso Companheiro, metaforizou na vida real esse modelo perfeito que preenche as expectativas do público: o diretor Bruno Barreto casa-se com Amy Irving, ex-mulher de Steven Spielberg.

Porém, uma outra corrente acredita que linguagem perfeita é a que está morta. Novos significados só vêm daquilo que não existe, do ainda ausente. O filósofo Heidegger dizia que identidade absoluta é igual a morte. Talvez seja por isso que

cópias perfeitas do que nos é exterior quase sempre recendam ao inautêntico. O que fazer então? Bem, um cinema brasileiro diferenciado, não alienado de suas raízes regionais e nacionais, só vai existir e atingir o público (brasileiro) se for parte de um processo de educação de base. Só vai ser possível criar uma "cultura do cinema brasileiro" quando ele se transformar, por exemplo, em disciplina permanente dos currículos de 1º e 2º graus.